
O papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão Adventista: 1844-1915

WELLINGTON VEDOVELLO BARBOSA¹

O objetivo deste estudo é compreender o papel integrado do ministro e do ancião no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, com especial referência às orientações de Ellen G. White. Entre 1844 e 1863, ocorreu o período da formação de conceito do ministério pastoral e do ancião. A segunda fase, entre 1863 e 1901, foi caracterizada pelo aperfeiçoamento desse conceito. No último período, de 1901 a 1915, houve um processo de reafirmação do conceito. De forma geral, os ministros deveriam adotar um modelo apostólico de pastoreio, plantando igrejas, educando os membros em relação às questões espirituais, desenvolvendo planos missionários e mantendo uma linha de supervisão que atendesse às congregações. Quanto ao ancionato, eles eram considerados como pastores locais, representantes da igreja e responsáveis pelo desempenho missionário da congregação. A análise do entendimento do ministério do pastor e do ancião à luz da missão adventista durante o período estudado sugere que os ofícios deveriam se complementar. Enquanto o pastor se responsabilizava pela expansão evangelística, o ancião se comprometia com a manutenção dos crentes e o crescimento local.

Palavras-chave: Ellen G. White; Ministro; Ancião; Tríplice mensagem angélica.

The purpose of this study is to understand the integrative role of the minister and elder in the fulfillment of Adventist mission between 1844 and 1915, with particular reference to the guidelines of Ellen G. White. Between 1844 and 1863, it was the period of the training concept of the pastoral ministry and the elderly. The second phase, between 1863 and 1901, was characterized by the improvement of this concept.

.....
¹ Bacharel em Teologia (Unasp, EC), bacharel em Administração (Unasp, EC), especialista em Aconselhamento Familiar (Faculdades Spei), mestrando em Teologia (Unasp, EC). Atua como editor associado de livros na Casa Publicadora Brasileira. E-mail: wellington_unasp@yahoo.com.br.

In the last period, 1901-1915, there was a concept of the restatement process. In general, ministers should adopt an apostolic model of grazing, planting churches, educating members regarding spiritual matters, developing mission plans and maintaining a supervisory line that met the congregations. As for elderly, they were considered as local pastors, church representatives and responsible for the performance of the missionary congregation. Analysis of the pastor's ministry of understanding and elder in the light of Adventist mission during the study period suggests that the offices should complement each other. While the pastor was responsible for evangelistic expansion, the old man was committed to the maintenance of believers and local growth.

Key words: Ellen G. White; Minister; Elder; Three angels' message.

O século 21 tem se apresentado como um tempo de significativos desafios para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Uma das marcas desse movimento, que surgiu como resultado do milerismo (1831-1844), é seguir o protestantismo histórico em seu profundo comprometimento com a autoridade das Escrituras Sagradas. Essa visão levou seus adeptos a uma busca sincera por entender a Bíblia como um todo, usando sua compreensão profética e do santuário para apreender todas as doutrinas cristãs e definir a missão da igreja.

Um dos conceitos desenvolvidos pelos pioneiros adventistas estava relacionado à função de sua liderança no cumprimento da missão de levar a mensagem cristã ao mundo. Eles procuraram, como Ellen G. White disse, seguir o modelo da igreja de Jerusalém (WHITE, 2010, p. 50). Para tanto, estabeleceram anciãos/pastores e diáconos, bem como outros líderes para, diligentemente, proclamar o evangelho e preparar pessoas para o advento de Cristo.

Em sua análise da estrutura de liderança do período neotestamentário, eles descobriram dois ofícios de destaque: o apóstolado e o ancionato (At 15:22). Assim que Jesus ascendeu ao Céu, os apóstolos assumiram a liderança geral da igreja (At 1:13-15; 2:14), cumprindo a missão de proclamar o evangelho (por exemplo, At 2:37-41; 10-11; 13) e exercendo a função de mestres na comunidade cristã (At 2:42; 3:1; 5:1-3).

Por sua vez, o ancião (presbítero/bispo) se tornou um elemento basilar no contexto congregacional. Embora não sejam abundantes as referências sobre essa função, elas deixam implícita a relevância desse ministério. No livro de Atos, eles são descritos como: 1) administradores de recursos para os crentes da Judeia (At 11:29, 30); 2) liderança fundamental nas congregações recém-implantadas (At 14:21-23); 3) participantes ativos na tomada de decisão do Concílio de Jerusalém, ao lado dos apóstolos (At 15; 16:4); e 4) representantes das congregações (At 20:17; 21:18). Nas cartas pastorais, Paulo 1) determina a Tito que organize congregações e constitua anciãos (Tt 1:5) e 2) estabelece os critérios para o reconhecimento de um ancião (1Tm



3:1-7; 5:17-25; Tt 1:6-9). Pedro se identifica com esse ministério e faz uma profunda exortação aos seus “pares” (1Pe 5:1-4), e Tiago confere uma autoridade espiritual significativa ao incentivar que os doentes contem com as orações do ancionato da igreja (Tg 5:14). É importante salientar que, na perspectiva paulina, quem “aspira ao episcopado [ancionato], excelente obra almeja” (1Tm 3:1).

Seguindo essa estrutura de liderança eclesiástica encontrada na Bíblia, os pioneiros adventistas colocaram especialmente sobre ministros e anciãos a responsabilidade de conduzir a igreja no cumprimento da missão. Contudo, observadores contemporâneos (DAMSTEEGT, 2005; BURRILL, 1998) têm notado que, de alguma forma, houve um distanciamento entre o ideal dos pioneiros e a prática moderna. Damsteegt (2005), em seu artigo “Have Adventists abandoned the biblical model of leadership for the local church?”, apresentou elementos suficientes para motivar uma profunda avaliação da forma como as congregações adventistas são atualmente conduzidas. Em suas palavras: “Hoje, cerca de 150 anos após a organização oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pouco resta do modelo de liderança do Novo Testamento que os pioneiros originalmente adotaram” (DAMSTEEGT, 2005, p. 643).

A avaliação de Damsteegt é instigadora e motiva a pesquisar o papel dos líderes indicados nos primórdios do adventismo e sua relação com a missão da igreja. O conhecimento da história denominacional permite refletir sobre as práticas presentes, conduzindo a igreja ao aperfeiçoamento de suas atividades e à manutenção das convicções originais dos pioneiros.

Nessa tarefa, a influência da cofundadora da Igreja Adventista, Ellen G. White (1827-1915), deve ser observada com maior atenção. Seu ministério profético, conforme reconhecido pelos dirigentes do adventismo sabatista, conferia a ela uma posição singular dentro do movimento. Sem dúvida, a forma de os adventistas compreenderem a estrutura e a missão da igreja se deve muito àquilo que a autora escreveu sobre esses assuntos.

Considerando que o núcleo teológico da denominação adventista estabeleceu, desde seus primórdios, o compromisso integral com uma teologia fundamentada na Bíblia, e que isso se reflete na voz profética do movimento, na vida e obra de Ellen G. White, pressupõe-se, portanto, que o mesmo comprometimento com a apresentação doutrinária deveria se revelar na compreensão da missão da igreja, bem como em sua forma de organizar-se em termos de liderança. Tendo isso em vista, o objetivo deste artigo é compreender como ministros e anciãos se integravam no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, de acordo com os conceitos defendidos por Ellen G. White. Para tanto, é necessário entender como a autora definia a missão da Igreja Adventista, identificar como ela explicava o papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão e refletir sobre a forma integrada com que ministros e anciãos deveriam trabalhar para o cumprimento da missão.



A fim de alcançar esses propósitos, foi utilizado o método histórico. Sua natureza, portanto, é documental, baseando-se em análises de fontes primárias e secundárias relacionadas com a história do adventismo. Como fontes primárias, entendem-se: 1) os escritos de Ellen G. White; 2) textos dos pioneiros do adventismo; e 3) os documentos normativos da Igreja Adventista. As fontes secundárias são formadas pelos escritos teológicos que discutem, em diferentes perspectivas, as informações contidas nas fontes primárias. Fazem parte deste grupo: 1) obras sobre história do adventismo, bem como 2) estudos relacionados aos escritos de Ellen G. White.

O exame dos escritos de Ellen G. White abrangeu seus livros e artigos publicados e está baseado na pesquisa de tópicos como: ordem eclesiástica, missão da igreja, terceira mensagem angélica, igreja, ministros e anciãos. Considera-se também os temas correlatos que surgem a partir da verificação dos itens mencionados.

Provendo uma descrição histórica do adventismo, mencionam-se as obras de Schwarz e Greenleaf (2009), Knight (2000; 2005), Timm (2002), Loughborough (1906) e Spalding (1961). Em relação às atribuições de ministros e anciãos, encontram-se a tese doutoral de Shankel (1974) e o elucidativo artigo de Damsteegt (2005). Recursos valiosos para a compreensão do fenômeno ora estudado estão contidos em importantes periódicos editados pela igreja, como a *Review and Herald* (1850-1915). Por último, inclui a verificação dos seguintes documentos disponibilizados pela Associação Geral da Igreja Adventista: *General Conference Minutes*, *General Conference Bulletin* e *North American Division Minutes*.

124

Ellen G. White, a missão e o ministério de pastores e anciãos

O estudo do papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão adventista não pode ignorar a contribuição das orientações fornecidas por Ellen G. White. Conforme a pertinente observação de Douglass (2002, p. 182), “o ministério de Ellen G. White e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia são inseparáveis. Tentar entender um sem o outro tornaria a ambos ininteligíveis e inexplicáveis”. O destacado papel que ela desempenhou no processo de estabelecimento da denominação, somado à reivindicação de seu ministério profético, faz com que seus escritos se tornem uma fonte relevante para a compreensão da maneira como o adventismo do sétimo dia foi moldado em seus dias.



Diante disso, é importante avaliar as declarações mais importantes da autora referentes ao principal desafio que repousa sobre a Igreja Adventista, bem como o que se espera de ministros e anciãos no cumprimento da missão da igreja.

A missão da igreja

O entendimento de Ellen G. White a respeito da missão da igreja é amplo e, ao mesmo tempo, detalhado. Ela compreendia que a Igreja Adventista era o remanescente bíblico, cuja missão era salvar os pecadores e servi-los, tendo como elemento preponderante em sua pregação a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.

A autora acreditava que “a missão da igreja de Cristo” era “*salvar os pecadores que estão a perecer*”, “conquistando-os para Cristo pela eficácia daquele amor” (WHITE, 1996b, p. 381, grifo nosso). Quando descreveu com mais detalhes a organização da igreja cristã, ela afirmou que a igreja “foi organizada para *servir* e sua missão é levar o evangelho ao mundo” (WHITE, 2010, p. 9, grifo nosso).

Dois elementos se destacam nas referências citadas, que poderiam ser definidos no binômio *salvação e serviço*. Por meio dessas ações centrais, o evangelho deveria ser pregado ao mundo com o propósito de prepará-lo para o segundo advento de Cristo (WHITE, 1996f, p. 116). Nesse contexto, de proclamação mundial da mensagem, Apocalipse 14:6-12 confere singularidade à missão adventista.

Ellen G. White interpretou que a primeira mensagem angélica (Ap. 14:6-7) se cumpriu no movimento milerita, entre os anos de 1840 e 1844 (WHITE, 1981, p. 356). Por sua vez, a segunda mensagem angélica (Ap 14:8) foi interpretada como que tendo aplicação dupla: a) em primeiro lugar, ela foi pregada no verão de 1844; b) em segundo, a profecia se cumprirá plenamente no futuro, quando a união entre a igreja e o mundo se consumir em toda a cristandade (WHITE, 2013, p. 389-390, grifo nosso).

Em relação à terceira mensagem angélica, é necessário dedicar maior atenção, pois nela se encontra o diferencial da mensagem adventista. Em 1896, Ellen G. White esclareceu: “Mediante a pena e a voz devemos fazer soar a proclamação, mostrando sua ordem e a aplicação das profecias que nos levam à terceira mensagem angélica” (WHITE, 2016, p. 19).

De acordo com a compreensão da autora, as três mensagens angélicas devem ser anunciadas, com especial ênfase sobre a terceira. Entretanto, qual seria o conteúdo pleno dessa mensagem? Aqui se encontra o aspecto distintivo da missão adventista.

O estudo dos principais textos de Ellen G. White relacionados ao tema permite concluir que ele é extremamente relevante em sua percepção teológica. Na terceira mensagem angélica, ela via Cristo como o centro, em torno do qual estavam a justificação pela fé e o sábado, tendo a reforma de saúde como um importante braço da missão a fim de abrir portas para a evangelização. Somadas às duas primeiras mensagens angélicas,

esses elementos tornariam a pregação adventista distinta das demais apresentadas pelo cristianismo. Em 1900, a autora foi categórica ao afirmar que “a terceira mensagem angélica é a mensagem evangélica para estes últimos dias” (WHITE, 1996d, p. 241).

Desse modo, o primeiro item que constitui a “mensagem evangélica para os últimos dias” é o tema da *justificação pela fé*. Ellen G. White asseverou que essa “é verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo” (WHITE, 2002b, p. 190, grifo nosso). Em suma, ela expunha a justificação pela fé como “a atuação de Deus abatendo até ao pó a glória do homem, e fazendo por ele aquilo que não está em sua capacidade fazer por si mesmo (WHITE, 1959, p. 107). É o “perdão” divino (WHITE, 1999, p. 162), o “nosso título para o Céu” (WHITE, 2000a, p. 35), a “mensagem vinda de Deus” tendo “as credenciais divinas” (WHITE, 2000b, p. 359).

Aliada ao conceito de justificação pela fé, a terceira mensagem angélica também inclui a vigência do sábado do sétimo dia, conforme descrito nos Dez Mandamentos. Ellen G. White afirmou que “a proclamação da terceira mensagem angélica pede a apresentação da verdade do sábado” (WHITE, 1935, p. 156)

Ao verificar suas definições mais relevantes a respeito do sábado, nota-se que, para a autora, o quarto mandamento foi “feito para o homem, para lhe ser uma bênção” (WHITE, 1985a, p. 279). É o “memorial de Deus” (WHITE, 1985b, p. 503), a “sagrada distinção denominacional que nos é conferida” (WHITE, 1996g, p. 18), um “sinal do poder criador e redentor” que “indica a Deus como a fonte da vida e do saber” (WHITE, 2008, p. 250), o “sinal” que identifica os “adoradores do Deus vivo” (WHITE, 1981, p. 141), o “selo do Deus vivo” (WHITE, 1977, p. 164), “um sinal do poder de Cristo para nos fazer santos” (WHITE, 1995, p. 197).

Quando Ellen G. White ponderou sobre o papel escatológico que o sábado terá no desfecho da grande controvérsia entre o bem e o mal, ela foi incisiva ao afirmar que “o sábado é uma prova, não uma exigência humana, mas a prova de Deus” (WHITE, 1985b, p. 180), e será “a pedra de toque da lealdade” (WHITE, 2013, p. 604), “o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos” além de ser “o grande fator que une os corações dos queridos de Deus, os expectantes santos” (WHITE, 2011, p. 33). Por fim, “santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna” (WHITE, 1989, p. 269).

O terceiro ponto vinculado à mensagem se relaciona com a *mensagem de saúde*. Dentre os protestantes, certamente os adventistas se destacam pela apurada concepção de saúde baseada nos princípios bíblicos e ampliada por meio das orientações fornecidas por Ellen G. White. Ela escreveu que a “reforma de saúde é um ramo da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela se acha tão ligada à terceira mensagem angélica, como as mãos o estão com o corpo” (WHITE, 1985a, p. 320).

De que maneira a reforma de saúde influencia o cumprimento da missão adventista? Para Ellen G. White, a reforma de saúde é “um ramo da especial obra



de Deus” (WHITE, 1996a, p. 560), “parte do último grande esforço para proclamar a mensagem do evangelho” (WHITE, 1991, p. 259) e “deve ser levada aos caminhos e valados da vida” (WHITE, 1991, p. 266). É uma “luz que agora brilha sobre nós como um povo” (WHITE, 1996c, p. 556) para “nossa salvação e salvação do mundo” (WHITE, 1996e, p. 136) e trata-se do “meio empregado pelo Senhor para diminuir o sofrimento de nosso mundo e para purificar sua igreja” (WHITE, 1996g, p. 112, 113). Ela possui importância estratégica, sendo “uma grande cunha de penetração” (WHITE, 2002a, p. 76), comparada à “mão direita” (WHITE, 1991, p. 238) ou ao “braço direito da mensagem” (WHITE, 2001v, p. 116).

É relevante notar que, embora a reforma de saúde tenha um papel destacado dentro da teologia adventista, ela não é em si mesma a terceira mensagem angélica. Para evitar distorções, White (2002a, p. 77, grifo nosso) explicou que “embora a reforma de saúde *não seja* a terceira mensagem angélica, está com ela intimamente relacionada. *Os que proclamam a mensagem devem ensinar também a reforma de saúde*”.

Concluindo, o conceito amplo de missão desenvolvido por Ellen G. White foi determinante para influenciar o pensamento dos adventistas do sétimo dia quanto ao assunto. As ideias relacionadas à tríplice mensagem angélica fizeram com que a atividade de ministros e anciãos fosse moldada de acordo com esses parâmetros. Essa noção será apresentada a seguir.

127

O ministério do pastor e do ancião

No decorrer dos anos, entre 1844 e 1915, os adventistas desenvolveram uma compreensão muito clara quanto ao papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão da igreja. Essa trajetória pode ser descrita em três períodos. O primeiro compreende os anos de 1844 até 1863, abrangendo o início do movimento adventista sabatista até a organização formal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O segundo corresponde aos anos de 1863 a 1901, tempo em que a denominação empreendeu um amplo processo de estruturação. O último, que se inicia em 1901 e se encerra em 1915 com a morte de Ellen G. White, destaca-se pela ênfase na reorganização sugerida pela liderança da igreja.

Formação do conceito: 1844-1863

No movimento adventista sabatista, o desenvolvimento do ministério do pastor e do ancião ocorreu gradativamente, conforme os primeiros líderes compreendiam melhor a missão da igreja. A princípio, os remanescentes do movimento milerita dedicaram maior atenção para o entendimento de quais seriam as implicações proféticas do desapontamento de 22 de outubro de 1844. Conforme a análise de Alberto R. Timm, entre 1844 e 1850 deu-se o período de integração doutrinária que

contribuiria com o fundamento teológico da denominação (TIMM, 2002). Esses anos abrangeram duas fases principais.

A primeira, entre 1844 e 1847, é caracterizada pela formação das doutrinas básicas dos adventistas sabatistas. A segunda, entre 1848 e 1850, destaca-se pelo enriquecimento dos conceitos preestabelecidos, aliado ao empenho de propagá-los àqueles que haviam pertencido ao movimento milerita.

Essas doutrinas fundamentais não estavam relacionadas de maneira frágil. George R. Knight esclareceu que elas “não se sustinham por si mesmas, mas formavam um conjunto profético/doutrinário unificado. No núcleo desse conjunto, encontravam-se duas ideias bíblicas: o santuário e a tríplice mensagem angélica” (KNIGHT, 2000, p. 42).

Como mencionado, a preocupação inicial dos adventistas sabatistas era pregar as verdades descobertas para aqueles que haviam pertencido ao movimento milerita. Essa tendência refletia o conceito da “porta fechada” desenvolvido por Apollos Hale e Joseph Turner, em 1845 (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 52). No entanto, a partir de 1850, alguns fatos redirecionaram o entendimento dos líderes adventistas sabatistas em relação ao tema. Alberto R. Timm (2002) enumera três motivos que fizeram com que a compreensão missiológica do grupo sofresse alterações profundas.

Em primeiro lugar, a demora no cumprimento da promessa do advento fez com que eles avaliassem de outra maneira a necessidade de continuar profetizando, conforme as palavras de Apocalipse 10:11 e Mateus 24:14. O segundo motivo está associado às visões de Ellen G. White “que sugeriam uma ação missionária mais ampla” (TIMM, 2002, p. 139). O último fator era de caráter prático: pessoas que não haviam sido mileritas estavam se convertendo ao adventismo sabatista. A soma desses elementos promoveu a “abertura das portas” para o desafio que Deus lhes conferia.

Dessa maneira, tornou-se aceitável a formação de grupos adventistas sabatistas. Eles reuniram o conjunto dos novos crentes alcançados por meio de palestras públicas, bem como pelo estudo dos artigos publicados no periódico *The Present Truth* (em 1849); e, a partir de 1850, no *Second Advent Review and Sabbath Herald*, mais conhecido como *Review and Herald*. Nesse período, alguns fatos demonstraram que a movimento começava a caminhar rumo ao aperfeiçoamento ministerial: 1) a primeira ordenação “pastoral”; 2) a nomeação de uma estrutura primária que daria origem ao diaconato; 3) o credenciamento de pregadores; e 4) as primeiras discussões relacionadas ao estabelecimento formal da denominação.

Ao que tudo indica, o primeiro ministro a receber a ordenação entre os adventistas sabatistas foi Washington Morse, em 1851. Foi nesse ano também que ocorreu a primeira ordenação conhecida entre eles para um ofício local, uma “comissão de sete” que daria origem ao diaconato, em Washington, New Hampshire (SMITH, 1851, p. 52). Conforme a pregação adventista sabatista alcançava maior número de pessoas, começaram a surgir



pregadores com atitudes e teorias que divergiam daquelas defendidas pela liderança do movimento. Para minimizar esse problema, em 1853, os principais líderes passaram a emitir um cartão de recomendação aos ministros que “havia provado seu dom, e eram evidentemente aprovados do Senhor” (LOUGHBOROUGH, 1906, p. 30). Os cartões, datados, eram assinados por dois dirigentes destacados do movimento, Tiago White e José Bates (LOUGHBOROUGH, 1906, p. 30).

No entanto, o principal fato se deu, a partir de 1853, com a publicação de uma série de quatro artigos escritos por Tiago White na *Review and Herald*, sobre a “ordem evangélica”. Em seu primeiro artigo, ele argumentou que a ordem evangélica estava sendo “muito negligenciada” e que a atenção da igreja deveria “ser voltada a esse assunto” (WHITE, 1853a, p. 173). Poucos dias depois, em outro texto da série, o dirigente justificou a necessidade de um ministério formalmente estabelecido com base no reconhecimento do obreiro e da igreja quanto ao chamado vocacional.

Além de demonstrar o conceito de chamado pessoal e reconhecimento congregacional, Tiago White também expressou o que ele considerava ser a principal tarefa do ministro: pregar o evangelho a todas as nações. Embora incipiente, a ideia de que os ministros adventistas deveriam ser evangelistas se fazia presente em suas primeiras orientações normativas (WHITE, 1853b, p. 189-190).

Ele não foi o único a defender a organização eclesiástica e ministerial nesses moldes. Outros líderes adventistas sabatistas empreenderam esforços semelhantes. José Bates (1854, p. 22) argumentou sobre a importância de se constituir anciãos nas igrejas e identificou entre eles duas categorias: aqueles que “presidem bem” e “os que se afadigam na palavra e no ensino” (ver 1Tm 5:17). Para o pioneiro, a obra de reforma não estava limitada apenas aos aspectos doutrinários, mas alcançava também a estrutura eclesiástica. Em um artigo de 1855, J. B. Frisbie aparentemente elucidou as diferenças entre os dois tipos de anciãos identificados por Bates. Um era responsável pela “supervisão de todas as igrejas como anciãos ou bispos itinerantes como Silas, Timóteo, Tito e Paulo”; outro era o “ancião local, que tinha o cuidado pastoral e supervisão de uma igreja” (FRISBIE, 1855, p. 154-155).

Em outras palavras, o ancião itinerante desempenhava a função evangelística apostólica (“pregando a palavra”), enquanto o ancião local realizava a atividade pastoral (“presidindo bem”). Essas concepções ajudaram a formar a compreensão dos líderes adventistas em relação ao papel do ministro e do ancião local no cumprimento da missão.

Por último, R. F. Cottrell justificou a necessidade de se ordenar anciãos nas congregações afirmando não ser possível “ao ancião itinerante ou evangelista” administrar “os deveres que frequentemente recaem sobre a igreja” (COTTRELL, 1856, p. 173).



Paralelamente, as primeiras noções apontadas por Ellen G. White em relação ao dever do ministério e do ancionato adventista reforçam a distinção entre esses ofícios. Em *Primeiro Escritos*, obra inicialmente publicada em 1851, ela exortou os “mensageiros de Deus” a “saírem para onde quer que [houvesse] uma brecha” a fim de alcançar pessoas (WHITE, 2011, p. 103). A autora estimulou os pregadores a entrar em “novos lugares”, buscando a companhia de outros colegas de trabalho, a fim de se animarem mutuamente diante da oposição e dos desafios (WHITE, 2011, p. 103). Além disso, salientou algo que lhe fora revelado por Deus:

Vi que os servos de Deus não devem ir sempre ao mesmo campo de trabalho, mas devem procurar almas em novos lugares. Os que já estão estabelecidos na verdade não devem exigir tanto do trabalho daqueles, mas devem ser capazes de permanecer sozinhos e fortalecer a outros ao seu redor, enquanto os mensageiros de Deus visitam lugares escuros e isolados, levando a verdade aos que não estão ainda esclarecidos quanto à verdade presente (WHITE, 2011, p. 104).

130

Não seria errado acreditar, a partir do argumento apresentado por ela, que desde o momento em que um grupo de adventistas sabatistas se formasse, sua liderança local deveria promover o pastoreio e a edificação mútua, deixando o ministro livre para trabalhar em outros territórios. A ideia de que o ministro adventista deveria ser um evangelista itinerante fica evidente na forma como Tiago White entendia a missão do pastor. Para ele, à semelhança dos apóstolos, a obra designada aos ministros era estabelecer grupos cristãos fundamentados na doutrina, organizá-los de tal maneira que fossem autossustentados e partir para novos campos de trabalho. Aliás, a capacidade de cumprir essa agenda era uma evidência do chamado.

De maneira alguma pode um pregador provar tão bem a si mesmo como ao entrar em novos campos. Lá ele pode ver os frutos de seu próprio trabalho. Se ele for bem-sucedido em levantar igrejas e estabelecê-las, de modo a render bons frutos, ele dá a seus irmãos as melhores provas de que é enviado do Senhor. [...] Se eles não podem levantar igrejas e amigos para sustentá-las, então, certamente, a causa da verdade não necessita deles, e eles têm as melhores razões para concluir que cometeram um triste equívoco ao pensar que Deus os chamou para ensinar a mensagem do terceiro anjo (WHITE, 1862, p. 156).



É importante observar que, durante os primeiros anos do movimento adventista sabatista, Ellen G. White escreveu pouco sobre a atribuição de ministros itinerantes e anciãos locais. Contudo, isso não significa que ela não tivesse um conceito claro a respeito do tema. Em uma carta escrita em 6 de julho de 1863, ela afirmou:

Os anciãos, locais e itinerantes, são nomeados pela igreja e pelo Senhor para *supervisionar a igreja, para reprovar, exortar e repreender o indisciplinado e confortar os desanimados*. Não há maior tribunal sobre a Terra do que a igreja de Deus. [...] Deus concedeu poder sobre a igreja e os ministros da igreja, e não é prudente resistir à autoridade e desprezar o julgamento dos ministros de Deus (Ellen G. White, *Carta 5, 1863*, grifo nosso).

Para ela, o ancião local e o ministro (ancião itinerante) eram as autoridades constituídas por Deus para conduzir a igreja em todos os assuntos espirituais e administrativos, e os membros deveriam reconhecer isso.

No período seguinte, entre 1863 e 1901, tanto a igreja quanto Ellen G. White apresentaram mais vislumbres a respeito das atribuições de ministros e anciãos. O crescimento da Igreja Adventista, o aperfeiçoamento do ministério e os desafios referentes à pregação da mensagem influenciaram nesse processo.

Aperfeiçoamento do conceito: 1863-1901

A partir de 1863, a Igreja Adventista entrou em uma importante fase de progresso institucional. Tendo superado as dificuldades iniciais relacionadas à adoção de um nome e à organização da Associação Geral, a denominação se estabeleceu em áreas estratégicas para o cumprimento da missão. Assim, dentro de poucos anos, os seguintes empreendimentos foram incentivados: início da obra médico-missionária (1866); começo do trabalho no ramo educacional (1872); organização da Sociedade Missionária e de Tratados (1874); aperfeiçoamento do conceito de “benevolência sistemática”, com a adoção do sistema de dízimos e ofertas (1876); e estabelecimento da Associação Geral da Escola Sabatina (1878).

O movimento também cresceu em relação ao número de ministros e membros. Por exemplo, em 1882, as estatísticas indicavam os seguintes elementos:

Associações	26
Missões	6
Ministros (credenciados/licenciados)	301
Igrejas	660
Membros	17.169

Fonte: *The Seventh-day Adventist Yearbook (1883)*.

132

A comparação entre alguns dados de 1863 e 1883 aponta informações relevantes. A partir do estabelecimento da Associação Geral, houve um aumento de 490% no número de membros e de 528% na quantidade de igrejas. A relação de ministros cresceu 1000%. Embora os percentuais impressionem, eles não devem ser dissociados do contexto em que estavam inseridos. Apesar de se mostrarem positivos, os números absolutos eram pequenos se contrastados com o tamanho dos desafios da denominação, uma vez que refletiam o total de adventistas no mundo.

Apenas nos Estados Unidos, o censo de 1880 apresentava uma população de 50.155.783 habitantes (DEPARTMENT OF THE INTERIOR, 1882). Para um movimento convicto de sua missão mundial, a melhor estratégia a ser adotada para cumprir seu propósito seria manter o ímpeto evangelístico de ministros e membros, motivando-os a ação missionária individual.

Diante dessa demanda, o trabalho do ancião assumiu grande importância. Em 1874, o presidente da Associação Geral, George Butler, escreveu um longo artigo dissertando a respeito da administração da igreja local. No texto, ele refletiu as expectativas da liderança adventista sobre o ancianato, destacando que “nenhuma igreja [prosperaria] como deveria sem um ancião eficiente. [...] Anciãos são ‘supervisores’ ou subpastores, tendo o Senhor Jesus como principal Pastor” (BUTLER, 1874, p. 85). Portanto, esperava-se que o ancião pastoreasse o rebanho conduzindo-o ao crescimento espiritual. Apesar da grande ênfase dada por Butler sobre o trabalho espiritual do ancião, é necessário considerar que sobre este oficial recaía também os encargos administrativos da congregação. Em 1875, H. A. St. John apresentou a primeira relação de atribuições do ancião local, com 13 itens que contemplavam atividades administrativas e espirituais desse ministério.

Enquanto se buscava sistematizar o trabalho do ancião, o ministério também recebia orientações para melhor desempenhar seu ofício. Em dezembro de 1878, Ellen G. White dirigiu palavras de advertência e orientação aos pastores. Naquela realidade



itinerante, alguns líderes omitiam instruções fundamentais para o crescimento espiritual dos membros. “Ministros frequentemente negligenciam estes importantes ramos da obra: reforma de saúde, dons espirituais, benevolência sistemática e os grandes ramos do trabalho missionário” (WHITE, 1878, p. 185). “Quão melhor seria para a causa”, ela ainda afirmou,

se o mensageiro da verdade houvesse educado fiel e cabalmente esses conversos em relação a todas essas questões essenciais, mesmo que houvesse menos com quem ele pudesse contar como sendo acrescentados à igreja como resultado de seus trabalhos (WHITE, 1878, p. 185).

A obra de educar os adventistas para o trabalho missionário estava de acordo com as ideias iniciais defendidas pelo casal White. Se o ministro deveria manter as atividades direcionadas para o estabelecimento de novas congregações, nenhum membro deveria se eximir de sua responsabilidade pessoal, bem como esperar que sua fé estivesse amparada na figura do pastor. Aliás, inicialmente, os adventistas evitavam usar o termo “pastor” para seus ministros, a fim de dissociá-los da imagem tradicional do “pastor fixo” (TRIM, 2014).

Uma realidade incômoda para aquele período (e em nossos dias também) está relacionada ao enfraquecimento missionário do movimento adventista em alguns contextos. Isso pode ser avaliado sob a perspectiva de algumas hipóteses inter-relacionadas. A primeira está associada à dificuldade de os pastores exercerem o papel “apostólico” de supervisionar, de tempos em tempos, as igrejas constituídas. Sem a orientação de líderes experientes, a tendência de alguns seria se distanciar dos propósitos denominacionais.

Outra possível situação seria a ineficácia dos anciãos em pastorear o rebanho local. Isso poderia ser o resultado da sobrecarga de atividades congregacionais diversas, despreparo ministerial ou falta de compromisso com o ofício pastoral. Por último, poderia ser o reflexo da predominância de membros destituídos do senso de responsabilidade individual na edificação do corpo de Cristo.

Esse estado preocupante levou alguns líderes a sugerir a alteração do paradigma apostólico de ministério; assim, discretamente, o conceito de pastor fixo começou a assediar a Igreja Adventista.

Dudley M. Canright foi o primeiro ministro a defender essa noção por meio da *Review*. Em 9 de agosto de 1881 (três dias após o falecimento de Tiago White), foi publicado um artigo no qual ele propunha uma nova abordagem de trabalho. Para ele, “alguns homens que não [eram] de todo adaptados para o trabalho de

um evangelista [eram] peculiarmente equipados para fazer um excelente trabalho como pastores [fixos] (CANRIGHT, 1881, p. 99, grifo nosso). O autor via o modelo ministerial adventista como ineficaz diante das demandas de seu tempo, por isso, em sua concepção, estabelecer pastores fixos nas congregações era uma questão estratégica de crescimento.

Se para Canright a solução do problema que a igreja enfrentava era alterar o modelo ministerial, para Ellen G. White consistia em envolver os membros em esforços missionários individuais. Ela afirmou que “nenhuma igreja pode prosperar a menos que os seus membros sejam trabalhadores” (WHITE, 1881, p. 129-130).

Posteriormente, a autora definiu que uma das atribuições principais dos ministros adventistas era delegar atividades e supervisionar o trabalho realizado. Infelizmente, muitos pastores falhavam “em discernir que [deviam] recorrer aos membros leigos da igreja e ensiná-los a trabalhar, para que [pudessem] manter o que [fora] ganho, e [continuassem] a avançar” (WHITE, 1883, p. 465).

Curiosamente, a ideia de Canright ganhou força com a primeira proposta de *Manual da Igreja*, em 1883. Em setembro desse ano, a *Review* publicou um artigo da série “The Church Manual”, escrito por W. H. Littlejohn, que seguia parte do argumento apresentado por Canright anteriormente. Os autores, J. O. Corliss e H. A. St. John, foram indicados pela Assembleia da Associação Geral de 1882 a fim de elaborar uma proposta de manual para a Igreja Adventista, em resposta a algumas reivindicações. A ideia era submeter a proposição aos membros da igreja para conseqüente apreciação e votação (DAMSTEEGT, 2005, p. 654-655).

Ao descrever as atribuições ministeriais, Littlejohn afirmou que havia alguns ministros que pareciam “especialmente adaptados para exercer o papel de pastores de igrejas já estabelecidas. Estes últimos achariam muito difícil, se não impossível, ter sucesso naquilo que poderia ser chamado de trabalho puramente evangelístico (LITTLEJOHN, 1883, p. 618).

À semelhança de Canright, o líder entendia que havia dois modelos inter-relacionados de ministério: evangelístico e pastoral. Reconhecendo que o ministério adventista era predominantemente evangelístico, Littlejohn concluiu sua proposta indicando a necessidade de se equilibrar o modelo apostólico e o pastoral.

Além de propor um modelo ministerial, a sugestão de *Manual da Igreja* também considerou 13 atribuições dos anciãos, a saber.

- 1) Deve presidir a todas as reuniões administrativas ou religiosas da igreja;
- 2) apresentar todas as propostas a serem votadas;
- 3) expor os nomes dos candidatos a membros da igreja;
- 4) solicitar cartas para aqueles que desejam ser membros



da igreja; 5) distribuir a agenda das reuniões; 6) buscar os fracos e desanimados e visitar os doentes; 7) supervisionar os oficiais da igreja para fazer com que eles desempenhem suas funções com fidelidade; 8) examinar os registros de secretaria e tesouraria, a fim de averiguar se eles estão devidamente controlados; 9) na ausência de um ministro deve administrar, em sua própria igreja, o batismo, as ordenanças da Ceia do Senhor e lava-pés; mas nunca seria bom administrar qualquer um desses ritos em qualquer outra igreja que não a sua própria; 10) exercer supervisão sobre a vida e a conduta dos membros da igreja, a fim de observar se nenhum anda de forma desordenada; 11) resolver todas as dificuldades que possam surgir entre os membros da igreja, se possível; caso contrário, para levar os ofensores ao julgamento da igreja; 12) fazer com que as decisões da igreja em todos os assuntos sejam executadas corretamente; 13) visitar todos os membros da igreja em suas casas o mais rápido possível, conforme as circunstâncias permitirem (LITTLEJOHN, 1883b, p. 303).

135

A proposta do manual foi rejeitada na Assembleia da Associação Geral de 1883. Entretanto, ao que tudo indica, apesar de não haver apoio na ocasião, alguns permaneceram convictos de que a mudança no modelo ministerial e a adoção de pastores fixos pudesse ser algo viável para a Igreja Adventista. Essa hipótese reside no fato de que, nos anos seguintes, Ellen G. White publicou diversos textos reafirmando as bases do modelo apostólico defendido por ela e por seu esposo desde os primórdios do movimento, exaltando, principalmente, atitudes que os ministros deveriam adotar para promover o avanço do adventismo.

Ela não recomendava que “um ou dois ministros” fossem “ao mesmo campo reiteradas vezes”. Deveria haver “um intercâmbio de trabalhadores” (WHITE, 1884, p. 225). Assim, “as igrejas [poderiam] ter o benefício de seus diferentes dons [dos ministros]” (WHITE, 1884, p. 225). Além disso, Ellen G. White enfatizou que o pastor deveria ser “um exemplo para o rebanho do qual ele é um subpastor. Ele deve cuidar de uma maneira especial das ovelhas do seu rebanho; deve velar pelas almas como aquelas por quem presta contas” (WHITE, 1884, p. 225).

Era esperado também que o ministro fosse um planejador do trabalho congregacional. Em maio de 1888, Ellen G. White publicou um artigo no qual destacou que deveria haver “um plano bem organizado” em que os obreiros fossem “às igrejas, grandes e pequenas, para instruir os membros a trabalhar para a

edificação da igreja, e também pelos incrédulos. Não é simplesmente sermonear que é necessário, mas educar” (WHITE, 1888a, p. 305).

O primeiro assunto a ser enfatizado nesse plano educacional deveria ser a piedade pessoal e a religião doméstica. Os membros espiritualmente maduros deveriam trabalhar estudando a Bíblia com os demais irmãos, instruindo-os no entendimento da vontade de Deus. Obreiros sábios deveriam desenvolver “talentos na igreja que poderiam ser educados para o serviço do Mestre. Aqueles que trabalharão na visitação de igrejas devem dar-lhes instrução sobre estudos bíblicos e trabalho missionário” (WHITE, 1888a, p. 305). Jovens de ambos os sexos deveriam ser educados para se tornar obreiros no lar, na própria vizinhança e na igreja (WHITE, 1888a, p. 305).

Um detalhe significativo na análise das orientações de Ellen G. White para ministros e anciãos é que ela esperava dos líderes locais atitudes muito semelhantes às aquelas requeridas dos pastores de tempo integral. E o que a líder esperava dos anciãos? Entre os anos 1887 e 1901, ela salientou uma série de atribuições relacionadas ao ofício.

O ancião deveria cuidar fielmente do rebanho local. “Deus requer fidelidade no cuidado vigilante” (Ellen G. White, *Manuscrito 32, 1887*). Ao tomar conta dos irmãos em falta, ele deveria manifestar o amor de Cristo: “Ore com eles, chore com eles, sinta pela vida deles, ame-os, e nunca os deixe ir. [...] Então, o poder de Deus operará através de você e muitas almas serão trazidas à verdade por meio de sua influência” (Ellen G. White, *Manuscrito 32, 1887*).

Sobre ele também recaía a responsabilidade de traçar planos para o avanço da obra envolvendo cada membro de acordo com suas habilidades e dons. Em setembro de 1890, Ellen G. White disse que “os anciãos e os dirigentes da igreja [deveriam] dar mais atenção aos planos para a realização do trabalho. Eles [deveriam] arranjar as coisas de modo que cada membro da igreja [tivesse] uma parte a desempenhar” (WHITE, 1890, p. 529).

Em 1893, ela reforçou os conceitos de planejamento e educação ao dizer que anciãos e diáconos “podem planejar com sabedoria e educar os membros da igreja para que desempenhem sua parte negociando os ‘talentos do Senhor’” (WHITE, 1893, p. 34). Ellen G. White ainda destacou que “a igreja pode ser visitada apenas ocasionalmente por um ministro, e, ainda assim, ser uma igreja crescente; pois Jesus é o nosso ministro, e nunca devemos pensar que estamos sozinhos”.

Somadas ao pastoreio, à planificação e à supervisão, há também a importância da nutrição espiritual. Ela afirmou: “Há um vasto campo para os anciãos e auxiliares em cada igreja. Eles devem alimentar o rebanho de Deus com alimento puro, completamente separado do joio e da mistura venenosa do erro” (Ellen G. White, *Manuscrito 59, 1900*). Nesse contexto, ela salientou o fato



de que a prosperidade espiritual da congregação também depende da eficácia do ancião quanto a essa responsabilidade.

Essas citações reforçam algo incontestável nos escritos de Ellen G. White: a ausência de um ministro não deveria ser motivo para impedir o crescimento de uma congregação local. Se o ancião desenvolvesse com afinco seu ministério, os membros cresceriam na fé e proporcionariam a ampliação da esfera de alcance da Igreja Adventista. Em outras palavras, o ministério do pastor e do ancião deveria ser integrado, proporcionando o aperfeiçoamento interno (congregação) e externo (plantio de novas congregações) do movimento adventista.

Entre os anos 1901 e 1915, houve maiores incentivos, especialmente por parte de Ellen G. White, para que a igreja não perdesse de vista esse conceito que, de acordo com os principais textos da autora, deveria ser elementar na maneira de se compreender o ministério adventista.

Reafirmação do conceito: 1901-1915

Em 1901, a Igreja Adventista passou por uma de suas mais significativas transformações, por ocasião de sua Assembleia Geral. Em 15 de abril, na parte da manhã, Ellen G. White apresentou uma contundente mensagem aos delegados da Assembleia intitulada “An Appeal to Our Ministers” (WHITE, 1901, p. 267). Nesse discurso, a líder destacou algumas debilidades no ministério que deveriam ser corrigidas.

Ela afirmou que os pastores estavam falhando em relação à responsabilidade que recaía sobre eles; por esse motivo, muitos adventistas não sabiam mais o que significava ser “testemunhas de Cristo nestes últimos dias” (WHITE, 1901, p. 267). Parte do problema se dava em virtude da postura dos ministros em “rondar” as igrejas estabelecidas. Ellen G. White foi assertiva ao afirmar:

Ele [Deus] não os chama para entrar em campos que não precisam de médico. Estabeleça suas igrejas com o entendimento de que não precisam esperar o ministro para servi-las e estar continuamente a alimentá-las. Elas têm a verdade; “elas sabem o que é a verdade”. Elas devem ter raízes em si mesmas (WHITE, 1901, p. 267).

Ela ainda prosseguiu dizendo:

Deus quer que você [ministro] saiba como lutar, saiba o que é trabalhar pelas almas, e carregue o fardo das almas em seu coração. Quando você estiver educando-as, Cristo estará educando-o.

Quando você estiver dando-lhes lições, Cristo estará dando-lhe as lições dele, e estas são de maior valor (WHITE, 1901, p. 267).

As reações ao discurso foram imediatas. George A. Irwin, o presidente em exercício da Associação Geral, reconheceu que a mensagem se adequava à sua vida e afirmou: “Tudo o que posso fazer esta manhã é confessar meu pecado e pedir a Deus para me perdoar, e eu acredito que ele vai perdoar” (WHITE, 1901, p. 269).

Ole A. Olsen, que havia sido presidente da Associação Geral entre 1888 e 1897, expressou-se da seguinte forma: “Deve ser muito evidente para todos nós, irmãos, que chegamos a um ponto em que deve haver uma virada decisiva, uma decidida mudança em nossa atitude e em nossa experiência” (WHITE, 1901, p. 269).

O que ocorreu após essa reunião foi a significativa publicação de textos de Ellen G. White abordando esse tema, tanto na *Review* quanto em outros periódicos adventistas. A análise de seus principais artigos acerca do assunto indica que a essência de seu conceito em relação ao ministério do pastor e do ancião continuou a mesma.

A ênfase do ministério pastoral deveria ser ensinar os membros a trabalhar em prol do avanço da mensagem e partir para novos campos. Ellen G. White escreveu: “Logo que seja organizada uma igreja, ponha o pastor os membros a trabalhar. [...] Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar” (WHITE, 1996e, p. 20). Ela indicava um sistema definido de trabalho: “Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra deve ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e então, deve o pastor passar a outros campos igualmente importantes” (WHITE, 1996e, p. 19).

Em um artigo publicado em janeiro de 1902, no *Atlantic Union Gleaner*, ela confrontou o desejo de alguns membros estabelecerem grandes centros e congregações adventistas, bem como contarem com o auxílio de um pastor fixo. Ellen G. White foi categórica ao dizer: “Não deve haver um apelo por pastores fixos sobre nossas igrejas, mas deixem o poder da verdade que dá vida impressionar os membros individuais a agir [...] a igreja deve ser educada e treinada para fazer o serviço eficaz” (WHITE, 1902a, p. 2).

É provável que, após 1901, sua admoestação mais contundente quanto ao assunto esteja no artigo “The Need of a Revival and a Reformation”, de 25 de fevereiro de 1902. Ela iniciou seu texto com as palavras de Apocalipse 2:4 e 5, e identificou essa descrição com a situação em que se encontrava a Igreja Adventista. Para ela, o ego estava sendo acariciado e lutava pela supremacia (WHITE, 1902b, p. 113). Esse diagnóstico impedia que o sentido de missão fosse real para os membros da igreja.

Como resultado dessa apatia espiritual, os sermões haviam se tornado a grande exigência das igrejas. Ellen G. White afirmou: “Os membros têm dependido das declarações do púlpito em vez de dependerem do Espírito Santo.



Desnecessários e sem uso, os dons espirituais entregues a eles têm diminuído até a fraqueza” (WHITE, 1902b, p. 113). Os ministros tinham parte da responsabilidade por essa condição; pois, se eles “fossem a novos campos, os membros seriam obrigados a assumir responsabilidades, e, pelo uso, suas capacidades aumentariam (WHITE, 1902b, p. 113).

Ela ainda disse que, por meio das palavras dirigidas à igreja de Laodiceia, em Apocalipse 3:14-18, “Deus lança contra os ministros e o povo a pesada carga da fraqueza espiritual” (WHITE, 1902b, p. 113), e, então, complementou dizendo: “Deus pede um reavivamento espiritual e uma reforma espiritual (WHITE, 1902b, p. 113). Essa argumentação forma o contexto de sua mais conhecida definição de reavivamento e reforma:

Deve haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se (WHITE, 1902b, p. 113).

139

O estudo desse artigo aponta uma realidade pouco explorada quando se trata de incentivar o reavivamento e a reforma na igreja: sua dimensão eclesiológica. Uma das evidências de que os cristãos estão imbuídos do Espírito Santo é o retorno às atribuições originais de membros e ministros. Enquanto os membros desenvolvem seus dons espirituais e os utilizam na edificação da comunidade, os ministros devem plantar novas igrejas e ampliar a influência da mensagem adventista.

É importante ressaltar que Ellen G. White não ignorava o fato de que os ministros deveriam supervisionar as congregações. Ela escreveu:

O Senhor não vai aprovar ministros que gastam muito de seu tempo com as igrejas que já creem na verdade. [...] É necessário que nossas igrejas sejam visitadas pelos ministros, mas as igrejas não devem esperar que o ministro as mantenham e as façam crer. Dessa forma, a igreja é enfraquecida e não fortalecida (WHITE, 1902c, p. 146).

Quanto aos anciãos, a líder continuou atribuindo-lhes a maior responsabilidade pelo desenvolvimento espiritual da congregação local. “Apascentai o rebanho de Deus’ pregando a eles Sua palavra, dedicando-lhes fervoroso trabalho pessoal e dando-lhes um bom exemplo” (Ellen G. White, *Carta 108*, 1902). Além disso, Ellen G. White destacou que os dirigentes da igreja, fossem eles ministros ou anciãos, deveriam planejar trabalho para os membros locais: “Aqueles que têm a supervisão espiritual da igreja devem encontrar formas e meios pelos quais oportunidades sejam dadas a todos os membros, a fim de que tomem parte na obra de Deus” (White Sanitarium, CA, 11 out. 1908).

Em 1911, próximo ao fim do seu prolífico ministério, Ellen G. White se dedicou a publicar o livro *Atos dos Apóstolos*. Essa obra, conforme definiu Jean-Luc Rolland, “não é meramente uma meditação sobre o livro bíblico correspondente e alguns escritos de Paulo, Pedro e João, mas uma reflexão sobre a vida, as experiências, os escritos e a ‘razão de ser’ da igreja cristã” (ROLLAND, 2013, p. 579). Ele ainda complementa afirmando que o livro “reflete a visão de Ellen G. White a respeito do que a igreja deve ser no mundo até a segunda vinda de Cristo” (ROLLAND, 2013, p. 580).

140 Nessa obra, algumas afirmações de Ellen G. White parecem ecoar claramente seus ensinamentos anteriores sobre a atitude de ministros e anciãos diante da missão da igreja. O primeiro relato a ser mencionado refere-se à indicação dos sete homens escolhidos para exercerem o ministério que daria origem ao diaconato (At 6). Foi no contexto da formação do primeiro ofício local das congregações cristãs que ela declarou:

A organização da igreja em Jerusalém deveria servir de *modelo* para a organização de igrejas em todos os outros lugares em que mensageiros da verdade conquistassem conversos ao evangelho (WHITE, 2010, p. 91, grifo nosso).

A partir dessa afirmação, pode-se inferir que Ellen G. White via no relato da indicação dos primeiros diaconos que o trabalho de proclamação da mensagem cristã e de administração da igreja local não deveriam ser acumulados em apenas um ofício. De maneira ordeira e harmoniosa, cada membro deveria cumprir seu ministério de forma sábia, fosse ele voltado para os desafios externos ou internos da igreja. Assim, o “modelo de Jerusalém” se perpetuaria.

Essa inferência corresponde aos ensinamentos apresentados nas décadas anteriores em que ela 1) via o ministério pastoral sob a perspectiva do modelo apostólico; 2) esperava que os oficiais locais cumprissem sua responsabilidade na administração da congregação local; 3) desejava que todos os membros desempenhassem uma parte ativa no cumprimento da missão da igreja.



Ainda no contexto da citação anterior, a autora descreveu a participação dos anciãos no processo de resolução de problemas da igreja apostólica:

[Os assuntos] Eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade (WHITE, 2010, p. 96).

Fica claro o papel que ela atribuiu aos anciãos das congregações diante das demandas que existiam no começo da história cristã. Se a compreensão do paradigma ministerial apostólico estiver correta, apresenta-se nesse caso o binômio ideal de liderança eclesial: a participação conjunta de ministros e anciãos locais na condução dos rumos da igreja.

Além dessa referência, Ellen G. White elaborou seu maior argumento em relação ao ancionato a partir do texto de 1 Pedro 5:2-4. Ela escreveu: “Os que ocupam a posição de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. [...] Ministrando significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal” (WHITE, 2010, p. 526).

141

Nessa citação, alguns conceitos emergem como a 1) supervisão e a 2) ministração. Esta última, representando o trabalho intencional do ancião em “disciplinar e educar os membros para trabalhar de forma aceitável” (WHITE, 2010, p. 526). Nesse mesmo parágrafo, ela ainda salientou a necessidade de os subpastores alimentarem o rebanho e se manterem consagrados ao Senhor.

Em suma, os conceitos que Ellen G. White explorou em *Atos dos Apóstolos* não divergem daquilo que ela ensinou ao longo de seu ministério. Na verdade, ela os sintetiza e os identifica na prática do cristianismo apostólico. Em outras palavras, a líder via na conduta dos apóstolos e anciãos do início da história cristã, a origem da forma como os adventistas deveriam organizar seu ministério.

Considerações finais

Este artigo teve como propósito compreender como ministros e anciãos se integravam no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, de acordo com os conceitos defendidos por Ellen G. White.

Em primeiro lugar, para a autora, a missão exclusiva dos adventistas como o remanescente bíblico para o tempo do fim é salvar o mundo e servir-lhe, proclamando por meio de suas instituições e igrejas, seus líderes e membros, a tríplice mensagem

angélica em sua plenitude. A terceira mensagem angélica se apresenta tendo Cristo como o centro, em torno do qual gravitam a justificação pela fé e o sábado, tendo a reforma de saúde como instrumento de entrada. Essas ênfases se aliam aos demais temas bíblicos componentes da primeira e segunda mensagens angélicas, tornando a pregação adventista distinta das demais apresentadas pelo cristianismo.

Entre 1844 e 1863, no período da *formação de conceito* do ministério pastoral e do ancião, Ellen G. White escreveu pouco sobre o tema. Contudo, ela entendia que o trabalho do ministro era evangelizar. Além disso, em conjunto com o ancião local, ele deveria supervisionar, exortar e confortar os membros.

O segundo período, entre 1863 e 1901, foi caracterizado pelo *aperfeiçoamento do conceito* do ministério do pastor e do ancião. Ellen G. White demonstrou que os ministros deveriam trabalhar tendo em vista uma ampla perspectiva de atuação. Ao plantar uma nova igreja, ele deveria ser exemplo de cristianismo, educar os membros em relação às questões espirituais e ao trabalho missionário, desenvolver planos em parceria com os crentes locais e manter uma linha de supervisão que atendesse às igrejas, sem que, com isso, as comunidades se tornassem dependentes dele. Quanto aos anciãos, Ellen G. White afirmou que deveriam pastorear o rebanho, zelando por ele de maneira amorosa, alimentando-o com o ensino da doutrina pura e visando à salvação de todos; também deveriam planejar o trabalho para os membros da igreja e educá-los em todas as frentes missionárias.

No último período, de 1901 a 1915, houve um processo de *reafirmação do conceito* do ministério do pastor e do ancião. Ellen G. White reiterou seus conselhos quanto ao papel do ministro no cumprimento da missão e inseriu o assunto na perspectiva do reavivamento e da reforma. Quanto ao ancionato, ela seguiu corroborando os conceitos desenvolvidos nos anos anteriores. Eles eram os pastores locais, representantes da igreja e responsáveis pelo desempenho da congregação no cumprimento da missão. Enquanto o ancião local liderava, supervisionava, pastoreava, nutria espiritualmente, treinava e administrava a congregação, os ministros tinham a liberdade de avançar em novas frentes de trabalho, plantando novas igrejas e expandindo a esfera de ação da Igreja Adventista.

Refletindo a respeito das implicações deste artigo para os nossos dias, talvez, a melhor forma de compreender o ministério do pastor e do ancião fosse retornar ao conceito que estava por detrás da nomenclatura “ancião itinerante” e “ancião local”, isto é, em vez de enxergar dois ministérios que trabalham paralelamente, reconhecer um ministério que trabalha em perspectivas diferentes, visando apenas um único objetivo: proclamar a terceira mensagem angélica e preparar um povo para se encontrar com Jesus Cristo.



Referências

- BATES, J. Church order. **Review and Herald**, v. 6, n. 4, 29 ago. 1854.
- BUTLER, G. I. Thoughts on church government. **Review and Herald**, v. 44, n. 11, 1 set. 1874.
- BURRILL, R. C. **Recovering an adventist approach to the life and mission of the local church**. Fallbrook: Hart Research Center, 1998.
- CANRIGHT, D. M. Planting and watering churches. **Review and Herald**, v. 58, n. 7, 9 ago. 1881.
- COTTRELL, R. F. What are the duties of church officers? **Review and Herald**, v. 8, n. 22, 2 out. 1856.
- DAMSTEEGT, P. G. Have adventists abandoned the biblical model of leadership for the local church? In: KORANTENG-PIPIM, S. **Here we stand: evaluating new trends in the church**. Adventist Affirm: Berrien Springs, 2005.
- DEPARTMENT OF THE INTERIOR. **Statistics of the population of the United States at the tenth census (June, 1, 1880)**, Washington, 1882. Disponível em: < <http://1.usa.gov/1ToDCN0> >. Acesso em: 14 jul. 2014.
- DOUGLASS, H. E. **Mensagem do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- FRISBIE, J. B. Church order. **Review and Herald**, v. 6, n. 20, 9 jan. 1855.
- KNIGHT, G. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. **Uma igreja mundial: Breve história dos adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- LINDSEY, A. G. Australia. In: FORTIN, D.; MOON, J. **The Ellen G. White encyclopedia**. Hagerstown: Review and Herald, 2013.
- LITTLEJOHN, W. H. The church manual. **Review and Herald**, v. 60, n. 25, 26 jun. 1883.



_____. The church manual, **Review and Herald**, v. 60, n. 39, 25 set. 1883b.

LOUGHBOROUGH, J. H. **The church: its organization, order and discipline**. Mountain View: [s.n.], 1906.

ROLLAND, J. The acts of the Apostles. In: FORTIN, D; MOON, J. **The Ellen G. White encyclopedia**, Hagerstown: Review and Herald, 2013.

SCHWARZ, R.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SMITH, A. R. Our Tour East. **Review and Herald**, Saratoga Springs, v. 2, n. 7, 25 nov. 1851.

SPALDING, A. W. **Origin and history of Seventh-day Adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1961. v.1.

THE SEVENTH-DAY ADVENTIST YEAR BOOK – 1883. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1883.

144

TIMM, A. R. **O Santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2002.

TRIM, D. J. B. **Ordination in seventh-day adventist history**. Disponível em: < <http://bit.ly/1tuSQHs> >. Acesso em: 15 jul. 2014.

WHITE, J. Go ye into all the world and preach the gospel. **Review and Herald**, v. 19, n. 20, 15 abr. 1862.

_____. Gospel order. **Review and Herald**, v. 4, n. 22, 6 dez. 1853a.

_____. Gospel order. **Review and Herald**, v. 4, n. 24, 20 dez. 1853b.

_____. The christian ministry. **Review and Herald**, v. 57, n. 15, 12 abr. 1881a.

WHITE, E. G. **A fé pela qual eu vivo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

_____. Address and appeal, setting forth the importance of missionary work. **Review and Herald**, v. 52, n. 24, 12 dez. 1878.



- _____. An appeal to our ministers. **The General Conference Bulletin**, v. 4, n. 12, 16 abr. 1901.
- _____. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.
- _____. **Conselhos sobre regime alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002a.
- _____. Co-operation with ministers. **Review and Herald**, v. 60, n. 30, 24 jul. 1883.
- _____. **Cristo triunfante**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. Every christian's work. **Review and Herald**, v. 70, n. 9, 28 fev. 1893.
- _____. **História da redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- _____. Humility and faithfulness in laborers. **Review and Herald**, v. 61, n. 15, 8 abr. 1884.
- _____. **Maranata**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1977.
- _____. **Medicina e salvação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1991.
- _____. **Mensagens aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a.
- _____. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b. v. 1.
- _____. **Minha consagração hoje**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- _____. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- _____. **Obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1935.
- _____. Preach in regions beyond. **Review and Herald**, v. 79, n. 10, 11 mar. 1902c.
- _____. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.



- _____. **Serviço cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. **Testemunho para ministros e obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002b.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996c. v. 4.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996a. v. 1.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996b. v. 3.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996d. v. 6.
- 146 _____ **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996e. v. 7.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996f. v. 8.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996g. v. 9.
- _____. **Testemunhos seletos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985b. v. 2.
- _____. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985a. v. 1.
- _____. The church must be quickened. **Review and Herald**, v. 70, n. 3, 17 jan. 1893.
- _____. The need of a revival and a reformation. **Review and Herald**, v. 79, n. 8, 25 fev. 1902b.
- _____. The work in greater New York. **Atlantic Union Gleaner**, v. 1, n. 2, 8 jan. 1902a.



_____. Work for the church. **Review and Herald**, v. 65, n. 20, 15 mai. 1888a.

_____. Ye are laborers together with god. **Review and Herald**, v. 67, n. 34, 2 set. 1890.